

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTONIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILÁRIO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40\$00 - Estrangeiro 80\$00 * ANO XXIV - N.º 453 - Melgaço, 15 de Julho de 1970 * Tip. Augusto Costa & C.ª, L.da - Telo: 22455 - Braga

Nem sempre morrem de pé

Diz certo Autor, e com a elegância ornamentada das letras e das ideias, que as árvores ao morrer, morrem de pé. Se há, na verdade, coisa que impressione certas sensibilidade é a queda dessas gigantes da Natureza vegetal, por morte natural, frente a frente às intempéries, à fúria dos elementos ou até à própria velhice, de séculos por vezes, que lhe corrompem as raízes, debilitando-lhe o porte de gigante que desafiou anos de borrasca, sóis de fogo, ventos destruidores.

Se se diz e se sabe de certeza certa que nada é eterno na própria vida dos seres e das coisas, não pode admirar que a ordem natural das mesmas siga o ritmo da sua própria normalidade, ou antes a curva de nascimento, crescimento, vida, declínio-morte.

Por
ABEL VARELA SEIXAS

Já o vemos em tempos idos, tantos que não nos lembra quantos, que a queda dum velho robalo, arrasta consigo muito das recordações do próprio homem; à sombra acolhedora da sua ramaria se trocaram juras de amor, viveu mocidade; os seus braços amigos protegeram o homem dos sóis ardentes, deram-lhe a fresca reconfortante ou abrigaram da chuva impiedosa. Se deixa uma certa melancolia a árvore que cai, que morre de morte natural, isto é, que morreu de pé e deixa-a porque na sua mudez vegetal muito se liga e identifica com o homem, também outros sentimentos se levantam conforme as circunstâncias. Aquela que cai, mártir e sacrificada para o avanço do progresso, da estrada que se lança ou do caminho que se abre, a via férrea que se tem de lançar, estamos perante as vítimas heróicas e mudas do progresso, das necessidades humanas que marcam a sua imperiosidade. Não caíram de pé, mas em holocausto à vida animal que se não compadece com certos pensamentos, estejam ou não enraizados em tradicionalismo, mais ou menos sentimental como histórico.

Mas também há árvores assassinadas, mortas pela fúria desmedida do homem, o tal «Rei» da Criação. Ou pelo lucro e ganância não esquecendo em resenabilidade aquelas que têm de sofrer o sacrifício máximo para satisfazerem à necessidade do próprio homem. Enfim, mas morrem no âmbito da tragédia, de pé; outras na sequência da vida que necessita, por ironia, de sacrifício doutras vidas para se manter.

Uma bela lição ao País!

Sua Excelência o Sr. Ministro do Interior, Dr. Gonçalves Raposo, por ocasião da homenagem ao Sr. Eng. Horácio de Moura, ilustre Governador Civil de Coimbra, a 15-6-1970, afirmou:

«O Governador Civil não pode ser um homem de partido, de grupo, de classe e, quando esse espírito maligno de divisão sopra no seu território, deve subir ao mais alto grau do capitólio, para não deixar tocar as suas vestes e guardar as forças criadoras da unidade».

Preciosa lição!

Conhecemos um castanheiro que levou anos, muitos anos, a criar. Que era rijo, valente, bonito e altaneiro. Com a sua copa simétrica, arredondada e equilibrada, fazia parte da panorâmica, antes do conjunto da paisagem. Além do seu valor no sentido do belo, tinha-o real, dos seus muitos anos, duma presença contínua de muitos invernos. Numa palavra: — valorizava o local, com o seu próprio valor natural e próprio.

Mas... tinha que ser assassinado, exactamente por isso mesmo. Essa árvore, não podia morrer de pé; tinha de ser morta a golpe de machado cobarde como a mão que o manejava ou de serra traiçoeira como cobra rastejante. O seu valor, seria tro-

(Continua na pág. 3)

Diálogo em S. Bento

O Ministro das Obras Públicas e o Distrito de Viana do Castelo

Durante a intervenção que o deputado Gonçalves de Proença produziu na sessão da Assembleia Nacional de 30 de Abril findo, sobre problemas do Alto Minho, teve lugar um diálogo cheio de interesse no qual participaram todos os deputados do Alto Minho, suscitado por um oportuno aparte do deputado Júlio Evangelista. Com efeito, quando o deputado Gonçalves de Proença falava da «valorização do porto de Viana, em que tão empenhado se encontra o Ministro das Obras Públicas, como resulta da recente viagem ao Minho feita pelo seu ilustre titular», o deputado Júlio Evangelista interrompeu nos seguintes termos que transcrevemos do Diário das Sessões agora publicado:

«O Sr. Júlio Evangelista—Não queria perder esta oportunidade, na sequência das considerações de V. Ex.ª, de deixar expresso no Diário das Sessões um particular sublinhado. Trata-se de uma palavra da mais sentida homenagem e do maior respeito para S. Ex.ª o Ministro das Obras Públicas e das Comunicações, engenheiro Rui Sanches, que eu sei, e V. Ex.ªs sabem como todos os Deputados pelo círculo sa-

bem, que neste momento vive com o mais intenso interesse, com o mais particular desejo de resolver, os graves problemas do nosso distrito que afectam os dois Ministérios que lhe estão confiados, designadamente as Comunicações e as Obras Públicas. O Sr. Baptista da Silva — Muito bem!

O Sr. Júlio Evangelista—E nesse aspecto, e nesse interesse de S. Ex.ª o Ministro das Obras Públicas, quero salientar aquele que respeita, como V. Ex.ª disse, ao porto de Viana do Castelo, que é um problema vital e fundamental de todo o Alto Minho.

(Continua na 4.ª página)

O Santo da Quinzena

S. Margarida, V. e Mártir

Festejada e venerada na Igreja Oriental, S. Margarida, a pérola de Antióquia, adorna também os altares da Igreja Ocidental. Filha única de um pobre sacerdote pagão idólatra da Antioquia, na Pisídia, Margarida perdeu bem cedo a mãe, sendo confiada aos cuidados de uma aia, e por esta, longe da casa paterna, foi educada na religião cristã. Quando Margarida já estava crescida, o pai reclamou sua presença em casa, e tinha o orgulho de possuir uma filha tão bela e virtuosa. Apesar de pagão, ele admirava na filha o espírito de abnegação e tendência para as coisas do céu. Estranhou porém que não fosse aos tempos assis-

(Continua na 4.ª página)

Presidente da Câmara

Foi nomeado Presidente da Câmara, deste Concelho, o dr. Sídónio Silvestre da Silva Soares e Sousa, que os nossos leitores muito bem conhecem através das referências e apreciações que aqui lhe temos feito.

Fazemos votos por que no exercício da sua função administrativa se inspire nas virtudes do seu antecessor, prof. Manuel José Rodrigues, a quem todo o Concelho estima e respeita, pela sua isenção, aprumo, espírito de sacrifício e dignidade profissional.

Bernardo Pintor

Recebemos do nosso estimado colaborador P. M. A. Bernardo Pintor o primeiro artigo sobre «Antigualhas Melgacenses» que só por falta de espaço é que não publicamos neste número.

Carta de França

Em Paris... com alguns amigos

III

Por CARLOS NUNO

FALEI nas crónicas anteriores de alguns dos problemas dos nossos rapazes em França. Notei as suas grandes qualidades de trabalho, de inteligência, de amor à família e ao seu torrão natal. Frisei a necessidade que existe de um grande desenvolvimento industrial no nosso País de modo que permita emprego para todos aqueles que querem voltar para junto dos seus, e tantos são, graças a Deus.

Hoje, como sacerdote, vou falar da impressão com que fiquei quanto à vida religiosa dos nossos rapazes. Estando um sábado à tarde de visita a rapazes amigos, que na sua terra são fervidos praticantes, pude observar como se sentiam desarticulados do meio ambiente e como a prática religiosa estava bastante esquecida. Pediram-me que ficasse com eles para o domingo pois que então iriam à missa. Nessa altura a conversa versou esse tema, e pude observar como a grandíssima maioria não cumpre o preceito da missa dominical.

As razões são várias e graves; desde o não enquadramento no meio ambiente, à distância em que a Igreja se encontra por vezes, ao cansaço de toda uma semana de rude trabalho, e, sobretudo, devido à estranheza da língua para a maior parte e à falta de sacerdotes do seu País que os acompanhem e lhes saibam falar como é necessário para as suas circunstâncias.

Não digo que estes rapazes não sejam religiosos. Lá têm a sua religião devocional e, sobretudo, a vida de inteira dedicação à família, traduzida no apego ao trabalho e nas muitas privações que têm de suportar para ganhar o dinheiro e se manterem fiéis aos seus familiares no meio de tantas provocações. Mas mesmo esta profunda religiosidade, manifestada pelo seu comportamento cívico e moral, ameaça de novo se contornar a ignorar os seus problemas e os deixamos sós.

Não pode causar mais que estupor o constatar que, para quase 50.000 emigrantes, nós não temos lá mais que uns 8 sacerdotes portugueses que lhes dedicam os seus cuidados. Vendo isto, e vendo que uma diocese como a nossa de Braga podia muito bem acorrer a esta tremenda necessidade se houvesse a devida programação e distribuição do clero, com vantagens para todos, não se pode deixar de estranhar que ainda continuemos na mesma como nos primórdios da emigração

(Continua na 6.ª pág.)

Grande benemérito

No dia 25 de Junho, Sua Ex.ª o Chefe de Estado, por ocasião da sua visita oficial ao Distrito de Braga, inaugurou o Bairro para pobres, que o grande benemérito, Grã-Cruz Sr. António Augusto Nogueira da Silva, construiu junto do Campo da Ponte.

O conjunto tem já dezenas de casas, e, quando concluído, ultrapassará as cem.

O mesmo Benemérito, que recebeu a visita ilustre do Sr. Almirante Américo Tomaz na casa da Av. Central, ofereceu ao Chefe do Estado avultada quantia para a Fundação Salazar.

Considerado, e com a maior razão, o maior benfeitor da cidade de Braga, o Sr. António Augusto Nogueira da Silva foi no dia 29 homenageado pela Confraria do Sameiro, que lhe descerrou o retrato na galeria dos benfeitores, depois de haverem mandado celebrar a santa missa por suas intenções.

Bem haja o ilustre benemérito e aqueles que lhe reconhecem a sua caridade.

Várias Notícias da Vila

Aniversários — No passado dia 3, festejou o seu aniversário natalício, o nosso amigo e conterrâneo, sr. José Manuel Baleixo Peres, mecânico, que teve a gentileza de oferecer a vários seus amigos um lauto jantar no luxuoso «Restaurante Snak Bar» (27), desta vila.

No final, quando se brindava pela felicidade do aniversariante, usaram da palavra os senhores, Daniel Afonso, proprietário do «Bazar Dany», António Rodrigues (Ringo) e José Luis Alves.

Por tal motivo, desejamos ao nosso amigo Peres, longa vida e os nossos parabéns.

— No passado dia 8, festejou o seu aniversário natalício, a menina Maria do Carmo de Sousa Cortes, filha do nosso estimado assinante, sr. Álvaro Cortes e da sr.^a D. Lindalva Gomes de Sousa Cortes.

A aniversariante desejamos que esta data se repita por muitos anos e os nossos parabéns.

António Domingues (Veiga) — A caminho da freguesia da Gave, onde foi visitar os seus familiares, passou por esta vila, onde tivemos o prazer de o cumprimentar, o nosso estimado assinante e conterrâneo, sr. António Domingues (Veiga), Dig.^{mo} Agente de 1.^a Classe da Direcção Geral de Segurança em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Alberto Gonçalves Esteves — Tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Alberto Gonçalves Esteves, Dg.^{mo} Agente da Direcção Geral de Segurança em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Abílio Vaz — Na sua casa da freguesia de Cubalhão, encontra-se de visita à sua família, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Abílio Vaz, que há dias chegou, vindo da cidade de Paterson, Estado de New Jersey (U. S. A.), onde está radicado há muitos anos.

Ao sr. Abílio Vaz, que é um grande benemérito dos pobres, apresentamos os nossos cumprimentos, desejando-lhe, que goze umas boas férias, junto dos seus familiares e amigos.

Para França — Acompanhado de sua esposa, partiu para França, após ter passado uma temporada, junto de sua família nesta vila, o nosso conterrâneo, sr. Valdemar de Castro Cerqueira.

Desejamos que tivessem feito boa viagem.

D. Maria Alexandrina Serano Marques Pires — Tivemos o prazer de ver nesta vila, de visita à sua família, a sr.^a D. Maria Alexandrina Serano Marques Pires, esposa do nosso conterrâneo, sr. Engenheiro António Manuel Pires, acompanhada de seu filhinho, António Maria.

Os nossos cumprimentos.

José Augusto de Carvalho Esteves — Esteve nesta vila, durante alguns dias, acompanhado de sua esposa e filhinho, o nosso conterrâneo, sr. José Augusto de Carvalho Esteves, funcionário superior da firma «Quintas & Quintas», da Póvoa de Varzim.

Os nossos cumprimentos.

António de Melo — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver entre nós, o nosso conterrâneo, sr. António de Melo, Linotipista do «Diário do Minho», na cidade de Braga.

Os nossos cumprimentos.

Dr. Júlio Pires — Acompanhado de sua mãe, sr.^a D. Idalina Correia Pires, nossa estimada assinante e de seu irmão, sr. Engenheiro António Augusto Pires, funcionário superior da «Sacor» em Matosinhos, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso amigo, sr. Dr. Júlio Pires, residentes na cidade do Porto.

A todos os nossos cumprimentos.

Albino de Sousa Lima — Vindo da cidade de Benguela (Angola), onde é conceituado comerciante e capitalista, encontra-se entre nós de visita à sua família, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Albino de Sousa Lima, acompanhado de sua esposa, sr.^a D. Alexandrina Lima.

O nosso abraço de boas vindas.

Assine e Anuncie na «A VOZ DE MELGAÇO»

José da Rocha — Esteve nesta vila, em gozo de merecidas férias, o nosso amigo e conterrâneo, sr. José da Rocha, funcionário da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, em Lisboa. Acompanhavam-no a este nosso amigo, suas irmãs, sr.^{as} D. Libiana da Rocha Neto, D. Maria Antonieta da Rocha Ferreira e seus cunhados, senhores Ricardo Ruas Neto, Desenhador da Telecine «Moro» e Norberto Cabral Ferreira, gerente comercial, todos residentes em Lisboa.

A todos os nossos cumprimentos.

Manuel Augusto da Rocha — Em gozo de merecidas férias, esteve nesta vila, durante alguns dias, o nosso conterrâneo, sr. Manuel Augusto da Rocha, funcionário do conceituado «Hotel Tivoli» da cidade de Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Alfredo José da Costa — Após ter gozado alguns dias de merecida licença, em vila Nova de Cerveira, terra da sua naturalidade, regressou a esta vila, o sr. Alfredo José da Costa, 1.^o Cabo, Comandante do Posto da Guarda Nacional Republicana, local.

Os nossos cumprimentos.

Vândalos à Solta

Há dias, esta vila, foi alertada com o som estridente da «sirene» dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, pondo assim toda a população em alvoroço.

Um telefonema anónimo chamou os soldados da paz, para a extinção de um incêndio que não existia.

Dado o lamentável da atitude, é pena que o meliante telefonista não seja descoberto, para poder responder-se ao seu acto de malvadez, visto ter posto em perigo a vida dos respectivos bombeiros e alguns condutores de veículos, que imediatamente se prestam a acompanhar, dispensando todo o auxílio à corporação.

Mas o cântaro, tantas vezes vai à fonte, que um dia deixa a asa.

P. R.

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Sociedade

Aniversários

Fazem anos: no dia 17, Acácio Caetano Dias e Manuel Joaquim Inácio; no dia 20, D. Palmira do Rosário C. Alves e Ramiro Pousa Mendes, no dia 21, D. Maria Madalena Nabeiro de Araújo, Antónia de Jesus Magalhães Machado Lourenço e Esmeralda da Conceição Ribeiro, e Ricardo Luís Pato e a menina Maria Fernanda Meixeira Guerreiro Gonçalves; no dia 22, D. Maria Madalena da Silva Ribeiro; no dia 24, dr. António Augusto Durães e Ricardo da Rocha; no dia 25, D. Maria do Carmo Tábuas de Sousa; no dia 26, D. Ana Monteiro Gomes Calheiros; no dia 29, D. Maria Fernanda Barbeitos da Silva e Fernando Rodrigues Nabeiro; no dia 30, Manuel Pereira e a menina Judite Elisete Dantas da Costa Afonso.

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Agência de Viagens «RUMO»,

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Comboio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

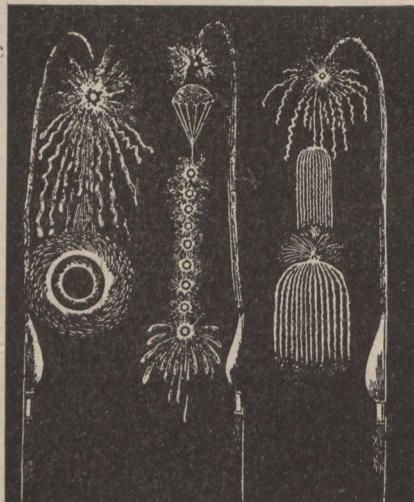
MANCOZAN

Pó molhável micronizado e azul, ideal para as suas «sulfatações». Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha «sulfatada» com este produto, e tirará esta conclusão: defesa segura, contra o mildio e maior produção.

Agente distribuidor:

Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada Telef. 42212 MELGAÇO



Fábrica de FOGOS DE ARTIFÍCIO

DE

Manuel Correia Gomes da Costa

Descendente da antiga firma de Alberto Gomes da Costa & Filhos, de Ponte da Barca

MOREIRA — TELEF. 56137

MONÇÃO

Falar ao próprio ou ao Sr. António Reinales, em Melgaço

Nem sempre morrem de pé

(Continuação da 1.ª página)

peço e a ganância, mãe de todos os males, não perdoaria. E um dia, aquela árvore que fora linda, que tinha historial, poderia contar na sua linguagem muda que era, ia ser, como foi assassinada para que a sua valia não causasse engulhos.

E assim se dá a «morte do castanheiro», velho ou talvez jovem amigo, que foi assassinado. Não morreu de pé, como lhe competia e seria natural à sua sina.

Jamais esquecemos esta e outras histórias que o tempo aviva. Feliz ou infelizmente a vida do homem tem limites e vendo-os desaparecer observamos, calma e em paz, a segurança naturalíssima desse acto e tantas lições podemos tirar... Valerá a pena? Dizia um velho semi-filósofo da minha aldeia, há muitos anos já no Mundo da Verdade: — «Há homens que pela sua conduta na vida lhe virá a faltar a terra no próprio cemitério».

Verdade? Mentira?

Não compreendíamos bem o pensamento, que só o andar do tempo e dos anos nos veio explicar à luz da experiência e que o mesmo homem do povo ou da rua, explica com a história do «dinheiro que água o deu», ou do que foi obtido sobre sangue, desespero, suor e lágrimas. Água o deu... água o leva!...

As árvores, afinal, cairão sempre de pé? A memória que ficou para além da sua vida, não conta?

DESporto

Futebol — Para despedida do valoroso atleta da equipa do Sport Clube Melgacense, *Fernando Domingues*, pelo motivo de ingressar nas fileiras do Exército em Caldas da Rainha, realizou-se no Campo de Jogos do Monte de Prado, desta vila, no passado dia 5, um desafio de futebol amigável, entre a equipa local e o Grupo Desportivo — S. Miguel, da povoação fronteiriça, Notária (Espanha), em que a equipa da casa venceu por 3-2.

Arbitrou o sr. José Félix Igrejas.

Fenómeno?!...

Há dias, a nossa cantarrãnea Sr.ª D. Maria Liliã da Rocha Neto, casada com o Sr. Ricardo Ruas Neto, deu à luz uma criança do sexo feminino, que ante o espanto geral, nasceu perfeita e já com dois dentes, apraz-nos esta notícia, visto estes casos serem raros.

Isto não é fenómeno do Entocamento.

E de Melgaço, mas é verdadeiro!

VENDE - SE

Na Breia, bom campo denominado LEIRA-LONGA, com 170 m. de comprimento, e com boas latadas em todo o comprimento e largura.

Informa: Felicidade Pinheiro — Rua Direita — PRADO.

Vai suprimir-se a ligação ferroviária entre Valença e Monção?

O diário lisboeta «Novidades» inseriu em 14 de Junho passado o seguinte comentário, que aplaudimos:

«EM TERRAS DO ALTO MINHO»

No semanário «Notícias de Monção» que se publica naquela histórica e encantadora vila do Minho, foi-nos dado ler que se receia, num futuro talvez próximo, a supressão das comunicações por via férrea entre Valença e Monção.

Quem estas linhas escreve é natural do concelho monçanense e do tempo em que a gente natural dos dois concelhos nortenhos, Monção e Melgaço, para se dirigir a qualquer localidade do país, tinha de vir numa «diligência» puxada a cavalos, nem sempre famosos, tomar o combóio a Valença. E certo que os tempos mudaram. As «diligências» foram substituídas por camionetas e bastantes dos que nelas, ou a pé, se deslocavam, dispõem hoje dum automóvel. Mas ainda são muitos os que utilizam e precisam de utilizar os combóios, até porque a população aumentou ali consideravelmente e as necessidades ou conveniências de deslocação também.

A estas vêm juntar-se outras razões que aconselham a manutenção da linha férrea. Se ela existe, sendo pouco longa, não custando muito, porque suprimi-la, quando do lado de lá do rio existe outra, espanhola, que ninguém pensa em fazer desaparecer? Mais: oferecendo aquela região minhota especial interesse pois é verdadeiramente encantadora, porque se há-de suprimir tal meio de transporte neste momento em que, e ainda bem, se cria e desenvolve entre nós o turismo? Certo é que o Minho, apesar de ser a mais bela das nossas províncias e nela não faltarem razões históricas, riquezas monumentais, marca viva de fé cristã e dignidade humana, para já não falar do seu belo folclore, mesmo no estrangeiro tão apreciado, está sendo ainda bastante esquecido, talvez porque distante de Lisboa, pelos responsáveis do desenvolvimento turístico entre nós. Mas este facto, em vez de inspirar nos minhotos desânimo, deve levá-los a defender o que de bom e útil já possuem, como é o caminho de ferro para Monção, e a reclamar outros melhoramentos que tornem a província mais próspera, mais rica e mais atraente para nacionais e estrangeiros.

Vai-se ainda mais além, e nisso estamos certos de transmitir o pensamento das gentes daquela região: em vez de se suprimir a linha férrea entre Valença e Monção, conveniente e útil seria prolongá-la até Melgaço. Basta pensar nas grandes feiras e romarias, como a da Senhora da Peneda, que por ali se realizam, no interesse turístico, nas deslocações que aquelas gentes têm de fazer desde Castro Laboreiro para o sul, na Serra de Soajo que desperta tanto interesse, nas típicas povoações semeadas por campos, vales e montes cheias de encanto e até de história, para concluirmos que o Alto Minho, porque muito vale, merece mais.»

«Novidades» de 14-6-970

De PENSO

24/6/970

De Lisboa, para onde já partiam, estiveram de visita às suas propriedades, o ilustre Clínico Dr. Eduardo Vilarinho, que viajou na Companhia da Sua Esposa D. Amélia Rosa Pereira Vilarinho, e de sua Mãe, D. Rosa da Rocha Vilarinho. Desejamos que tenham tido boa viagem.

O TEMPO E A AGRICULTURA — Já começaram as ceifas dos centeios, que apresentam bom aspecto. Para o vinho, o tempo não tem sido o desejado, mas continua a prometer.

TRISTE ANIVERSÁRIO—Foi em 16 de Junho de 1955, que nesta freguesia, faleceu, o saudoso, bondoso e honesto, Reverendo, Artur da Assunção de Almeida. Fez portanto em 16 do corrente, quinze anos que, para sempre, nos deixou. Foi nesta Freguesia, o nosso Guia Espiritual durante mais de quarenta anos e deixou em todos nós, uma enorme saudade. Pregador dos mais distintos que me foi dado conhecer, pregou em quase todas as freguesias do Concelho, e das do vizinho Concelho de Monção, donde era natural.

Foi das suas mãos, que recebi a primeira Comunhão, e eu e todos os que tivemos a felicidade, de dele recebermos, as lições da Doutrina, já mais o esqueceremos.

Sempre que nos ensinava, a doutrina ele nos ilucidava da razão de ser do assunto ensinado. Assim recordamos entre outros,

quando nos ensinava os mandamentos da Lei de Deus:

Desde que o Mundo é Mundo, os Governantes tem feito tantas leis que todas juntas, fariam um monte maior que o Everest, que é o maior monte do Mundo.

Pois, com todas essas Leis, o Mundo tem tido sempre, guerras, revoluções, desordens, roubos, assassinatos. Pois, para tudo isto acabar bastaria, que os homens de todo o mundo cumprissem as leis de Deus, e então teríamos um mundo muito melhor, para todos.

Como esta, outras grandes lições nos deu, o falecido Reverendo.

Dotado de grande inteligência e muita bondade, ele pôs sempre estas virtudes, ao serviço do seu Povo e da Igreja. Por isso ele jámais será esquecido, por aqueles que tiveram a felicidade de o conhecer. Deus o tenha bem junto de si.

C. N. VAZ

A Sombra da Cruz

Amália Augusta Igrejas

Confortada com todos os sacramentos da Santa Madre Igreja, faleceu nesta vila, rodeada do carinho de todos os familiares, no passado dia 7, a nossa cantarrãnea, sr.ª D. Amália Augusta Igrejas, de 83 anos de idade, viúva do saudoso sr. Ilídio de Sousa, funcionário da Câmara Municipal de Melgaço.

A extinta, era pessoa dotada de qualidades de carácter e de bondade que sempre a impuseram à geral consideração e amizade de que gozava no nosso meio, causando a sua morte profunda consternação a todos quantos a conheciam ou que com ela privavam.

Era mãe dos Senhores, António de Sousa, Oceano de Sousa, Orlando de Sousa, Alberto de Sousa, das Senhoras, D. Ernestina de Sousa, D. Maria Guiselle de Sousa Cerqueira, sogra das senhoras, D. Lidia Fernandes, D. Glória de Sousa, D. Maria Angelina Esteves de Sousa, dos senhores, Adolfo Vieira e Aprígio Abreu Cerqueira, conceituado comerciante desta vila.

No seu funeral, que se realizou no dia seguinte, incorporaram-se algumas centenas de pessoas de todas as categorias sociais, desta vila, de Monção e outras localidades, a Confraria das Almas e um piquete dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, que prestou as devidas honras, ficando o corpo da extinta inumado em jazigo de família.

Conduziu a chave da urna, seu filho, sr. Alberto de Sousa, funcionário da Câmara Municipal desta vila.

«A Voz de Melgaço» sensibilizada, apresenta a toda a família em luto, o seu cartão das mais sentidas condolências.

A. P.

Festividade

Nos próximos dias 18 e 19 de Julho, realizam-se as festividades em honra a Santa Marina, na freguesia de Rouças

— As ornamentações da estrada estão a cargo do sr. Eduardo Brito Oliveira, Longos-Vales, Monção.

— As ornamentações da Igreja e andores, estão a cargo do sr. Agostinho Vilarinho, de Tangil.

— Os alti-falantes, estão a cargo da acreditada Casa «Coelho» — Rouças.

— As iluminações e instalações eléctricas, também a cargo da mesma casa.

Assine

Anuncie

e Divulgue

«Voz de Melgaço»

Todos os Prémios Grandes

DE UMA SÓ EXTRACÇÃO

MAIS UMA VEZ

— A TERCEIRA ESTE ANO! —

FORAM VENDIDOS AOS BALCÕES DA

CASA DA SORTE

LOTARIA ESPECIAL DE JULHO:

SORTE GRANDE

23363 — 4800 Contos

2.º Prémio — 44 516 — 480 Contos

3.º Prémio — 22 961 — 240 Contos

5 520 CONTOS

numa SÓ extracção

TUDO EM BILHETES COM A MARCA

DA SORTE DA

CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida em Melgaço pelo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira

Vinho do Porto **BARROS**

De todos, mais saboroso

De todos, mais preferido

REGIST. BRAND

BARROS ALMEIDA & C.º

OPORTO

Lágrima Christi **BARROS**

em França o mais apreciado

O Santo da quinzena

(Continuação da 1.ª página)

tir aos sacrifícios e nunca por palavra qualquer tocasse no culto dos deuses. Não lhe podia ficar oculto por muito tempo que Margarida frequentasse as reuniões nocturnas dos cristãos.

Com voz alterada de dor e ira, perguntou-lhe um dia: «É verdade que aderês à doutrina do Crucificado?» Sem constrangimento algum, e com incomparável mansidão, Margarida confessou: «Sim, conheço Jesus Cristo e amo-o de todo o coração». O pai pediu-lhe por amor aos deuses, pela honra do seu sacerdócio, que abandonasse essa abjecta religião. Margarida porém, com grande afabilidade respondeu-lhe: «Meu querido pai, oxalá tens também a felicidade de conhecer e adorar o Deus verdadeiro». Vendo que com boas palavras e promessas nada conseguiria, o sacerdote mandou a filha para o campo, condenando-a a trabalhos rudes, ao lado das escravas. Margarida, longe de se entristecer, louvou a Deus, que a julgara digna de sofrer pelo nome de Cristo.

Passado algum tempo, o pai chamou-a de novo, para renunciar à religião católica, mas de balde. Então o pai, fora de si, obsecado pela paixão e pelo ódio, denunciou-a ao Prefeito Ilírio, para que, por ser cristã, fosse julgada pelas leis em vigor. O Prefeito encantado pela formosura de Margarida, empregou todos os meios e amabilidades para conseguir que abandonasse a religião cristã. «Lastimo assás teu erro — disse ele — uma vez que os deuses te deram beleza tão singular, fazes mal em ser-lhes ingrata. Reflecte bem! Estão em tuas mãos: alta distinção, ou morte ignominiosa». Margarida respondeu: «Desposada que estou

com Jesus, nunca renunciarei ao céu, para receber o pó da terra». Então ele, todo furioso com a resposta, mandou-a meter no cárcere. No dia seguinte, foi mandada comparecer novamente à presença do Prefeito, vendendo-a completamente restabelecida dos fortes açoites que os carrascos na noite anterior lhe tinham feito sofrer. «Não há negar, disse Ilírio, és a privilegiada dos deuses. Foram eles que te curaram e querem que não morra a filha do seu sacerdote. Rende-lhe graças e não lhe negues culto a que têm direito!» Margarida corrigiu-o, dizendo: «Assim, não é. Teus ídolos inânimes, não têm o poder que lhes atribuis. Só Jesus Cristo dá a saúde ao corpo e à alma, só Ele é que consola e conforta. A Ele seja dada glória eternamente». Então o Prefeito ordenou que Margarida fosse assada viva, sobre chapas de ferro, e depois deitada em água fria.

No mesmo momento se sente um forte tremor de terra e uma forte voz, dizendo: «Vem esposa de Cristo...»

Diálogo em S. Bento

(Continuação da 1.ª página)

Vozes — Muito bem!

O Sr. Júlio Evangelista — Aquele que respeita às rodovias do nosso distrito, designadamente de Valença para Melgaço, que precisam necessitadamente de uma revisão e de um arranjo; e ainda ao Hospital de Viana do Castelo e à ampliação do pavilhão cirúrgico.

O Sr. António de Lacerda — Muito bem, muito bem!

O Sr. Júlio Evangelista — Não queria que no *Diário das Sessões* deixasse de ficar esta palavra que V. Ex.ª já disse, mas que em nome de todos os Srs. Deputados pelo círculo merece o engenheiro Rui Sanches.

Vozes — Muito bem!

O Sr. Júlio Evangelista — Não só pelo que fez e faz pelo distrito, pela altíssima categoria com que se tem revelado nos Ministérios que lhe têm sido confiados e que dele nos dão a imagem de um verdadeiro, de um real, de um grande estadista.

Vozes — Muito bem!

O Orador — Muito obrigado, Sr. Deputado. Associe-me inteiramente às suas palavras, que uma vez mais vieram enriquecer a minha intervenção.

De Chaviões

COISAS DA VIDA — Não é à sombra duma bananeira mas sim à sombra de um pomposo e frondoso carvalho deste lugar de Travassos, brandas de Parada do Monte, que eu faço esta minha simples correspondência. As circunstâncias que aqui me trouxeram e já não é a primeira vez, foram de ter de acompanhar uma das minhas cabinas de som para abrilhantar a festividade em honra de Nossa Senhora da Aparecida, que se venera na sua capelinha, que data de 1922 e melhorada em 1964 e é considerada a padroeira deste mesmo lugar.

A festa realiza-se, todos os anos, no primeiro domingo de Julho. São as moças da freguesia de Parada que tratam do adorno da capela, fazem os andores e dois arcos muito bem enfeitados que põem à entrada e saída do recinto por onde passa a procissão. Este lugar tem a sua história: em tempos idos esteve anexo à freguesia de Fiães, onde os mortos eram sepultados. É o mais antigo lugar da freguesia de Parada e fica situado no sopé do monte denominado Bananeiro e ao Sul do caminho, pois não merece que se lhe chame estrada, que vai para S. Bento do Cando, meio encoberto por um arvoredo onde predominam alteros carvalhos. Além das magníficas sombras são purrissimas as águas. A gente de Parada vem a este lugar temporariamente para onde conduzem os seus gados e onde têm bons campos de feno. Falam em fazer um ramal de estrada para aquele azeitado lugar, o qual seria muito beneficiado, assim como contam também fazer a colocação dum fontenário próximo da capelinha. A imagem de Nossa Senhora da Aparecida para aquele local, foi oferecida por uma Senhora muito devota, da freguesia de Parada. A festa esteve muito concorrida não só pela presença de muitos paroquianos como também da vizinha freguesia de Lamas. A Santa missa foi celebrada pelo reverendo pároco Sr. P.º António Domingues acolitado pelo Rev. pároco da Gave, sendo este o pregador.

O acompanhamento da missa foi feito pelas briosas jovens de Parada do Monte que encantaram pela sua harmonia, as quais dedicam à N. Senhora Aparecida o máximo da sua devoção.

E assim passei mais um dia da minha existência neste encantador recanto da nossa terra.

FESTA DA PADROEIRA — A exemplo do ano passado não consta que, este ano, seja realizada a festa da Padroeira a qual teria lugar no dia 22 deste mês. No acto da nomeação dos mordomos, devia ser avaliada a capacidade dos mesmos, para que o dia da padroeira fosse respeitado e distinguido de qualquer outro dia.

OS QUE NOS VISITAM — Vindo dos Açores, onde presta serviço, encontra-se no lugar da Bouça e no convívio dos seus familiares em gozo de merecida licença, por algum tempo, o 2.º Cabo da Guarda Fiscal, senhor Henrique José Alves.

Por Santa Rita



São bastantes as mães que nestes dias de preceito aqui sobem para pedir a Santa Rita a protecção sobre seus filhos, que estão a fazer os seus exames. Também os recomendamos nas nossas orações e a todos pedimos os recomendem, nas suas.

Parece que tudo se prepara, para que a estrada de Santa Rita seja brevemente preparada devidamente. Infelizmente, há épocas do ano, em que os carros não podem passar aqui.

Os donativos vão subindo, graças a Deus. E assim, da sr.ª Maria da Piedade Rodrigues, da Cela, 20\$00, do sr. Puga, de Paderne, que tanto nos tem ajudado, mais 100\$00, do sr. António Meleiro das Almas, de Cavaleiro Alvo, 50\$00, do sr. António Castro Fernandes e Aida Bermudes, de Alvaredo, 70\$00, de Suzana Domingues, da Várzea, 7\$50, do sr. Jorge Umberto Esteves, de Prado, 300\$00, do sr. José Lourenço, dos Perses, 20\$00, do sr. Rego, do Porto, 20\$00, do sr. Augusto Garnel Lindo,

Valinha, 20\$00, do sr. Ermindo Rodrigues, Carpinteira, 100\$00 e de seu filho, António, 50\$00, do sr. Araújo, dig.º guarda-Florestal de Cavaleiros, 30\$00, da sr.ª Perpétua Alves de Melo, Vila, 10\$00, da sr.ª Maria Alves, da Portela do Couto, 10\$00, da sr.ª Edite Fernandes, do Castro, 20\$00, do sr. António Gonçalves Pereira, de Prado, 50\$00, do sr. José Fernandes, 50\$00, do sr. Manuel António Fernandes, da Aldeia, 100\$00, da sr.ª Ofélia Garnel Lindo, Valinha, 20\$00, do menino Américo Domingues, do Porto, Rouças, os seus primeiros 50\$00, da sr.ª Virgínia França, de Castro Laboreiro, 20\$00, da sr.ª Elisa Gonçalves, Sante, 20\$00, da sr.ª Gomezinda Aug. Meleiro, Orjaz, 50\$00. E por hoje ficamos por aqui.

Deus nos ajude a levar ao fim esta obra e que ela seja para maior glória de Deus, por Santa Rita.

A todos, muito grato o

Padre Carlos

— De Setúbal veio a menina Maria Fermínia do Rosário Alves, operadora dos correios e telecomunicações de Portugal naquela localidade, que está a passar as suas férias no lugar das Lages e no seio dos seus familiares.

— De França veio também, a menina Maria Teresa Pinto do lugar da Igreja, em visita a seus pais e mais familiares.

Para todos vão as nossas felicitações de boas vindas e que gozem as suas férias no meio da maior satisfação.

ANIVERSÁRIO — Completa no dia 10 do corrente mês 22 anos de existência a Cabine-Sonora Melgacense.

Foram 22 anos de actividade ao serviço das festas religiosas do nosso concelho.

Não podemos garantir que complete um quarto de século.

Pois nestes 22 anos de trabalho por vezes ingrato e incompreensível, por várias comissões de festas ainda não é suficiente para estar acreditada, preferida e respeitada por todos os que se prezam de usar o nome de melgacenses.

Para o próximo número, se Deus quiser, faremos um relato mais circunstanciado da vida desta amplificação sonora, relativo aos 22 anos da sua actividade.

Entretanto temos o maior prazer de informar os nossos amigos e simpatizantes dos nossos serviços de alti-falantes, que além dos já feitos desde o princípio deste ano teremos mais as seguintes:

Nos dias 10 e 11 em Fiães,

S. Bento, onde a C. S. Melgacense sempre realizou esta festa; 18 e 19 em S. Paio, Nossa Senhora de Fátima; 23, 24 e 25 em Pomares — Paderne, em honra de S. Miguel. Para o princípio do próximo mês nos dias 1 e 2 em Porto Carreiro — Fiães, Nossa Senhora da Vista. Isto é apenas uma amostra pois muitos mais serviços estão a ser contratados para este período de festas.

O Correspondente

De Rouças

10/7/970

Ao lugar de Lobiô, chegou a menina, Sara Soares, vinda de França, onde estava empregada e vem realizar o seu casamento com um rapaz de Orjaz, de nome, António Domingues.

— Já está bom de saúde o nosso amigo, sr. Domingos Alves, de Cavaleiros, aqui muito estimado.

— Há dias, uma teimosa gralha, dava como vindo de França, o nosso querido Amigo e assinante, sr. José Lourenço, quando foi seu irmão que veio de Lisboa. Que nos desculpe.

— Está para breve o Casamento do sr. Manuel Augusto Rodrigues, de Requeijo, com a menina Ana Maria Afonso, de Surribas.

— Para França, partiram há dias as meninas, Edite Fernandes e Maria Fernandes, do Crasto. Que tivessem boa viagem.

Dr. Luis Domingues
CLINICA MÉDICA
Rua Formosa, 253-2.º-Dt.º
Tel. 29415 PORTO

Foto CALDAS

TELEFONE, 42220
MELGAÇO

EXECUTA todo o trabalho em Fotografias e vende todos os materiais para as mesmas.

Reportagens para Casamentos, Baptizados, Comunhões, Aniversários, etc.

ELECTRO LAR, L.ª

ESTABELECIMENTO DE ARTIGOS ELECTRO DOMÉSTICOS

RÁDIOS * TELEVISORES * FRIGORÍFICOS * MÁQUINAS DE COSINHA * MÁQUINAS DE LAVAR MÁQUINAS DE BARBEAR * FERROS DE ENGOMAR ASPIRADORES * GIRA-DISCOS * VENTILADORES PANELAS DE PRESSÃO * ETC.

AGENTES OFICIAIS:

PHILCO — A. E. G. TELEFUNKEN

e também AGENTE OFICIAL da famosa marca japonesa NATIONAL

Encarrega-se de instalações eléctricas, com orçamentos grátis

Em frente ao Hospital — Telef. 42231 — MELGAÇO

MELGACENSE!

SE VAIS A LISBOA ALMOÇA OU JANTA

no acreditado Restaurante "Snak-Bar," Tampico
Travessa da Queimada
Bairro Alto — LISBOA

Proprietário o Melgacense: JOAQUIM CARDOSO, L.ª

Carta de Angola

POR
ANTÓNIO JOSÉ DA CUNHA

Uma caçada nocturna por terras do Leste

Estava-se em plena época das chuvas, o que para quem no Leste de Melgaço significa estar, se grandes possibilidades de reabastecimento de frescos por períodos que podem ser bastante prolongados, devido à lama que obstrui as estradas dificultando sobremaneira ou mesmo impedindo a circulação de qualquer veículo. Felizmente a caça não escasseia desde o coelho até à gunga, passando pela cabra do mato, javali, songue chicolocosse, palanca, etc.. Qualquer destes animais têm carne deliciosa com que se fazem pitêus de fazer crescer água na boca ao mais exigente. Nem queiram saber o que é saborear uns belos bifés de lombo de songue regados com o soberbo molho que o Macai sabe preparar. (O Macai é o cozinheiro do chefe de Posto, o Teixeira de quem já vos falei).

Com que ansias de caçar qualquer coisa não partimos naquela escura noite!

Eram umas oito da noite quando nos aventurámos a ir fazer a nossa primeira experiência cinegética em terras de África. Antes disso tínhamos preparado um Unimog ao qual havíamos ligado um farolim de longo alcance para encandearmos a caça, pois sem isso ela mal pressentisse o ruído do trabalhar da viatura, punha-se logo «a cavar». Eramos seis tropas, o Teixeira como atirador, o Simão como farolinador e o Cruz, um comerciante que quis acompanhar-nos pois também estava um bocado em baixo em matéria de «cems».

Causava-me um bocado de espécie como conseguiríamos matar qualquer peça de caça pois segundo a minha maneira de ver era impossível verificar qualquer animal no meio dos arbustos, de noite. No entanto lá me deixei ir com os outros assim muito no estilo «Maria vai com as outras». Não tínhamos andado ainda duzentos metros dentro da mata, ia eu a pensar que realmente quem tinha razão era eu, pois não se conseguia ver nada, quando o Simão faz sinal para parar a viatura. Como que impedidos por uma mola pusemo-nos todos de pé nos bancos. Ao longe avistámos então dois olhos a luzir na escuridão. O farolmeiro começou então a descrever círculos com o farolim obrigando a cabra, pois de uma cabra se tratava, a descrever círculos cada vez mais pequenos até se aproximar de nós. Estava tão perto, tão perto, que a tentação foi tão forte ao ponto de alguns de nós se terem atirado ao chão para por meio de uma pega de caras agarrarem a dita cabra. Escusado será dizer que a tal deu às de Vila-Diogo com a mesma saúde com que tinha vindo. Desiludidos, irritados com nós próprios, com os timpanos cheios de risadas do Simão e do Teixeira, subimos para a viatura e lá abalámos à procura de outra peça de caça, fosse o que fosse, a qual por sinal não se fez esperar materializada na figura imponente de uma palanca, a qual deu carne para nós e para toda a população comermos à vontade durante dois dias.

De Cristóval

FALECIMENTO—Faleceu em Campo de Souto, o Sr. Manuel J. Couso, probro comerciante e que se encontrava doente no seu leito, há bastante tempo.

Paz à sua alma e pêsames a toda a família em luto.

Segundo informações, a esposa deste chorado finado, encontra-se também, entrevada, há muito tempo. Oxalá Deus a melhore, que a Ele, nada Lhe é impossível, são os desejos de «A Voz de Melgaço».

CASAMENTO—Fomos informados, de fonte fidedigna, que está para breve, o casamento de M. de Fátima Domingues (A Nineta), filha de Júlio de Barros e de M. Domingues, dos Casais, com um rapaz dos lados de Coimbra, ambos residentes em França.

Os nossos parabéns, e desejos de felicidades no lar que vão constituir.

De Parada do Monte

25/6/970

(Atrasada na redacção)

Vindo de Angola onde estive em serviço de soberania, cheguei a esta freguesia o Sr. Tenente Capelão P. Manuel Domingues, sobrinho e afilhado do nosso querido Pároco António Domingues. Ao sr. P. Manuel Domingues desejamos que tivesse boa viagem.

FESTIVIDADES—No dia 28 próximo grande festejou-se nesta freguesia Santo António, com missa cantada, a grande instrumental pela Banda de Riba de Mouro, subindo ao púlpito à hara própria o Sr. P. Manuel Domingues que como sempre muito agradou. No fim da missa saiu uma imponente procissão.

—Também no dia 21 se realizou a festa de Santo António do Mourim que se venera na capela da mesma Veranda. A festa foi abrilhantada pela Banda de Riba de Mouro, e pelo Alto-Falante da Casa Vilarinho, de Tangil, Monção. Ao Evangelho subiu ao Púlpito o Sr. P. da Gave, que muito agradou. No fim da missa saiu o procissão que percorreu o itinerário do costume.

NASCIMENTOS—Deu à luz uma criança do sexo feminino a Sr.a D. Prudência Domingues, esposa do Sr. Caetano Pires, do Carrascal.

—Também deu à luz uma criança do sexo masculino a Sr.a D. Maria Pires, esposa do sr. Manuel Pires do lugar da Trigueira.

—Também deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.a D. Prazeres Esteves, esposa do sr. José Esteves, do Pereiral.

—Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.a D. Rosa Domingues, esposa do sr. Artur Domingues, do lugar de Cortegada.

PARA FRANÇA—Partiram os srs. José Esteves, José Rodrigues, Justino Rodrigues, Mário Afonso, Perfeito Esteves, Manuel José Vicites, Manuel José Afonso, e a sr.a Olívia Esteves.

VINDOS DE FRANÇA—Chegarão os srs. Casimiro Pires, José Esteves, António Martins, e Cesário Pires.

Correspondência de Prado

JANTAR DE CONFRATERIZAÇÃO—Foi com o máximo prazer que aceitei o convite para em 16 de Junho nos reunirmos em família na muito acreditada «Pensão Boavista», aqueles a quem está confiada a espinhosa missão de zelar os interesses da Fazenda Nacional.

Lá comparecemos em número de 17, sendo-nos dada a honra de presidir ao jantar o digníssimo Chefe da Repartição, a quem muito devemos, visto estar sempre pronto a ilucidar-nos sobre a melhor forma de organizar os serviços tendo por base não prejudicar o contribuinte nem os interesses do Estado, missão que em boa hora lhe foi confiada.

Nada faltou, o menú foi excelente, o que não é de estranhar, visto tal pensão ter sempre hábito de bem servir. Pena foi o convite não ter sido extensivo a todos aqueles a quem está confiada o sagrado dever de desempenhar igual missão... para assim, todos unidos, seguirmos o exemplo de um Chefe que nos orienta, não cansa, tem por divisa o bem servir, para bem de todos e bem da Nação. Se tal exemplo praticássemos, seguiríamos a verdadeira Moral Cristã.

FESTA DE S. LOURENÇO—Foi com grande regozijo que ouvimos anunciar uma comissão encarregada de organizar os festejos em honra do nosso Padroeiro, Chefe Supremo da freguesia de Prado. Gostaríamos que a mesma se realizasse com o máximo brilho e no dia em que, desde longos anos, sempre se realizou sendo no dia 10 de Agosto, como sucede com as festas de Santo António em 13, S. João

em 24 de Junho, S. Bento em 11 de Julho e S.ta Marinha em 18; para assim pormos em prática os usos e costumes.

Tal festa outrora era uma das primeiras festas do concelho a onde vinham muitos apreciadores ouvir duas afamadas bandas de musica, passando horas felizes, não só por ser do seu agrado, como também reconhecerem que Prado de Melgaço é a Sala de Visitas do concelho digno de ser apreciado por aqueles que lá longe lutam para assim conseguirem elevar a terra que lhes serviu de berço ao grau que merece como também pelos visitantes que não se cansam em contemplar!... Tudo exposto em anfiteatro e que se observa aos quatro ventos.

BODAS DE OURO—Festejaram no passado dia 13 as Bodas de Ouro o nosso prezado Amigo Senhor Herculano Arsénio Gomes Pinheiro e sua Ex.ª Esposa Senhora D. Maria Amélia Vaz Pinheiro.

Pelo feliz acontecimento, tem sido muito felicitados pelos inúmeros amigos que suas Ex.cias têm não só no concelho como no País e Estrangeiro.

DE LISBOA—Regressou o nosso amigo Manuel Augusto Gonçalves, digno Presidente desta freguesia.

DE FRANÇA—Regressaram Abraão José Tábuas e sua esposa D. Sílvia Gonçalves Pereira.

M. S.

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO
SOLICITADOR

★
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO



DO PESO

COMUNHÃO SOLENE das meninas DÉBORA e ISABEL, gentis filhas do Sr. Dr. Joaquim Moreira e de sua Ex.ª Esposa Sr.ª D. Judite Ranhada Moreira, a que aludimos no n.º anterior.

De PAÇOS De S. Paio

Partiu para os Estados U. da América o nosso bom amigo, Sílvia J. da Ribeira, acompanhado de sua esposa e filhos.

Que Deus os proteja.

FALECIMENTO—Faleceu há poucos dias, no lugar de Sá, o Sr. Albano José Flores, aposentado da G.N.R..

Que Deus o tenha junto de Si. «A Voz de Melgaço», apresenta o seu cartão de condolências à família enlutada.

—Vindo de S. Paulo, Brasil, encontra-se junto dos seus, em Belec, Armindo Nobais.

—Igualmente se encontra junto dos seus, em Merelhe, João L. de Almeida, bem como sua esposa e filhos, vindos do Rio de Janeiro—Brasil.

CASAMENTO—É no próximo dia 5, que se realiza o enlace matrimonial da menina Glória Pires, de Sá, com Arão Alves, do Esporão.

Os nossos parabéns, e que Deus abençoe o seu lar.

—A passar as suas férias, tem estado junto de seus queridos pais, Abílio Esteves, nosso estimado assinante de Azere, Agente da Direcção Geral de Segurança, em Lisboa.

No dia 16, pelas 4 horas deu à luz, na sua casa de residência, um menino, a sr.a Julieta Reis, do lugar da Carpinteira, onde se encontram bem ela e o menino.

—Mais um comércio no lugar da Carpinteira, de José Esteves Pedro da Rasa, casado no lugar da Ponte.

—Também ardeu a Fábrica do sr. António Fernandes que pertencia ao Nogueiral, casado em Remoães e a Fábrica que lhe ardeu era nos limites do Peso. Ainda foram lá os dignos bombeiros de Melgaço, mas não lhe atalharam a nada. Causou um prejuízo de 200 a 300 contos e agora andam a tirar uma subscrição e a ver se todos os Melgacenses que estão no estrangeiro mandam alguma coizinha para ele por em pé a fábrica. Aqueles que tiverem boa vontade e querendo mandar, mandem para o correspondente de S. Paio.

—A agricultura está a correr uma maravilha; há muito vinho e milho. A Deus nada é impossível, quando veio aquela invernação, dizia o povo estamos sem vinho, mas Deus bem sabe o que faz, porque tem cá os filhos p'ra manter.

José Esteves Pinto

O Sr. Presidente da Câmara de Melgaço

cumpriu, ou não, o Despacho Ministerial sobre as águas de Chaviães ?

Cumpriu, e cumpriu bem.
 Já o disse, mas repito-o para informar o Ex.^{mo} Sr. Governador Civil de Viana do Castelo, as pessoas interessadas e corrigir um tudo nada o meu último escrito sobre o mesmo assunto.

Vou provar que cumpriu:
 O Engenheiro Director Geral dos Serviços Hidráulicos, sr. Armando de Palma Carlos exarou a seguinte proposta no parecer sobre o assunto,

«Levada da Candosa - Reclamação dos srs. *Pes. José Rodrigues Lima e Amadeu Abílio Lopes de 18-4-1970 do Engenheiro sr. Lamas de Oliveira* :

«A sua Exelência o Ministro. Rogo o conhecimento da consideração de V. Ex.^a, julgando dever-se proceder como preconizado no n.º 9 do parecer.

18-4-1970

a) Armando de Palma Carlos»

«Despacho ministerial de 21-4-1970

Concordo.

21-4-1970

a) Pinto Eliseu»

O número 9 do parecer reza assim:

«Em face de tudo o que antecede, tenho a honra de propor:

a) que a Direcção Hidráulica do Douro reponha, urgentemente, as ligações das nascentes em causa ao depósito de abastecimento público...»

Aqui está o teor do despacho.

Ora, como a ligação da água ao depósito foi feita imediatamente o Presidente da Câmara cumpriu o despacho ministerial.

E cumpriu bem?

O mesmo número 9 do parecer referido diz:

«a) que, no futuro, este problema seja acompanhado pela Direcção Hidráulica do Douro, tendo em atenção o que antecede. Se necessário, a Direcção Hidráulica do Douro, entrará em contacto directo com a Direcção Distrital de Urbanização e com a Câmara Mu-

nicipal de Melgaço, assegurando a melhor e mais adequada solução dos problemas e conflitos locais que possam surgir».

Ora, a melhor e mais adequada solução do conflito local que já surgiu, foi a que encontrou o Presidente da Câmara de Melgaço: cumpriu o despacho ministerial, e, ao mesmo tempo, manteve a ordem e a tranquilidade pública, como lhe compete.

Os consortes da Levada ficaram satisfeitos, e a autoridade ficou prestigiada.

Quem era o responsável se houvesse algum ferido grave, ou alguma morte?

O Presidente da Câmara cumpriu bem.

A solução agradeo ao Ex.^{mo} sr. Governador Civil que, telefonicamente, deu os parabéns ao Presidente da Câmara, misturados com dois abraços...

* * *

Sr. dr. Abel Vaz, qual é o despacho ministerial que fala da ligação a todos os fontenários como afirmou no último artigo que escreveu sobre o assunto?

Corrija, que é a sua obrigação.

A. Rodrigues

Melgacenses:

Chegou a hora...

Chegou a hora de acordarmos do ancestral puritanismo em que temos vivido e esquecer rivalidades mesquinhas unindo-nos em prol de um parque de desportos que nos honre, para bem dos nossos filhos e netos. O desporto é salutar para o bem físico, moral e intelectual e alia-se ao engrandecimento desta nossa linda terra.

Como é do conhecimento geral, a Junta de Freguesia, desta Vila, numa atitude louvável, está a trabalhar afincadamente na construção de um parque de desportos para a nossa mocidade e que muito carece de carinho e ajuda. Portanto é do nosso dever auxiliar uma obra que nos dignifica.

O desporto é progresso para as terras em que ele se pratica, arrasta multidões, cria amizades entre os povos, dá saúde e vigor.

Não ponhamos travões ao progresso, antes pelo contrário.

Auxiliemo-lo porque auxiliar o desporto é engrandecer a nossa terra e orgulharmo-nos da saúde e vigor dos nossos filhos e netos.

Mais uma vez, repito, unámo-nos e trabalhemos em conjunto para dignificar esta nossa linda terra, que é Melgaço e que nos serviu de berço.

Chegou a hora...

UM MELGACENSE

AO ESCOLHER O SEU BANCO

SEJA EXIGENTE



SE NOS ESCOLHER E NÓS
 O TIVERMOS COMO CLIENTE,
 PODE SER TAMBÉM
 EXIGENTE CONNOSCO

BANCO DA AGRICULTURA

LISBOA

PORTO

POSTO DE CÂMBIOS EM MELGAÇO:

Na Agência de Viagens «RUMO» - Telef. 42442

SAUDADE TRISTE de um Soldado

(Enviado do Ultramar)

I

Saudade palavra triste
 Que permanece no coração
 Como um pontapé dado em riste
 Nos atinge na solidão.

II

Quando sozinho fiquei
 Neste mundo tão vicioso
 Nunca por nunca pensei
 Que o mundo fosse tão maldoso

III

Como estrela perdida no Céu
 Assim se anda nesta vida
 Andarei perdido também eu
 Neste mundo sem saída.

IV

Dia triste aquele dia
 Em que fiquei só no mundo
 Não acreditava no que via
 Parecia-me um mar sem fundo

V

Dia torze de azar
 Em que perdi minha mãe
 Desde aí deixei de amar
 Não amando mais ninguém

VI

De coração destruçado
 Fui chamado para a tropa
 Tinha sido abandonado
 Pelo ser de quem se gosta

VII

Daí por diante não faço
 Senão pensar em alguém
 Fumo um cigarro fumo um maço
 Só pensando em minha mãe.

Angola, Junho 1970.

Eduardo de Sousa
 Melgaço

Carta de França

(Continuação da 1.ª página)

para França, permitindo que os rapazes continuem no total abandono e que percam tudo quanto de bom levavam consigo.

É que não basta que os franceses façam celebrações muito bem feitas da missa, como pude observar e como descreverei de seguida. O homem tem necessidade de se sentir enquadado no ambiente. Tem necessidade de participar. Para participar tem de sentir que o acto que quer participar lhe diz algo e traduz as suas necessidades.

Até quando continuaremos nesta situação? Lembrar-nos-emos só quando a situação for irremediável?

* * *

Num dos domingos assisti a uma missa pela Televisão, transmitida de Chalons-sur-Marne. A igreja estava cheia de gente. Num dos transeptos estava o coro com a sua instrumentação toda moderna. Além de uma correcção impecável, manifestada por cada membro no desempenho das suas funções, pude observar e constatar como é possível realizar obras musicais que falam ao povo de hoje e executadas com a ajuda dos instrumentos de hoje.

Há quem diga que é um desconchavo usar guitarras eléctricas na missa. Pois eu pude ver e ouvir guitarras, acordeão, bateria, flauta, numa orquestração verdadeiramente impressionante pelo profundo calor e fervor espiritual que transmitiam. Vi ainda como o povo participava na devida altura, respondendo aos diversos convites do sacerdote e alternando com o coro nas devidas partes.

Observei ainda, com grande satisfação, como na altura da comunhão se abeirou da comunhão a grande maioria da gente, desfilando Igreja acima, bem composta e consciente do acto a realizar. Mais ainda: notei que a comunhão era distribuída de duas formas: ou pondo o sacerdote a hóstia na língua do fiel, ou, se este o desejava, colocando a hóstia na mão do fiel que, em seguida, a metia na sua própria boca. Tudo isto feito com recolhimento e sentido do próprio dever.

Creio que nós somos bem capazes de tudo isto e outras coisas que se mostram mais aptas para o nosso povo.

A questão é que todos queiramos e que, além do mais, vamos perdendo certos respetos humanos, falando menos contra e sem motivo, e procurando cada dia uma maior instrução — grande meio de superação de todas as atitudes mesquinhas — e chamando às coisas pelo seu nome quando for caso disso, como o é o do abandono espiritual a que estão votados os nossos emigrantes, e, certamente, não por causa sua, mas de gente muito mais responsável.

E não esqueçamos que a dimensão religiosa é essencial na vida do homem.

GRALHAS

do último número

Deve ler-se:

«...inquirito que foi enviado... a Suas Ex.^{as} o Presidente do Conselho e ao Ministro das Obras Públicas...»

Deve escrever-se:

Guizo, premissas, turbo, em vez de guizo, promessas, tubo, etc..»

Rectificamos

Infelizmente, não se confirma a notícia que demos aqui no último número, sobre o nosso estimado amigo, sr. Eng. Armando Rodrigues, do que pedimos muita desculpa.